



20 (2) - 9 - 17
jul./dez. 1995

EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO CULTURAL E ARTÍSTICO

Ana Mae Tavares Bastos Barbosa

RESUMO - Educação e desenvolvimento cultural e artístico. O texto aborda o papel da Educação no desenvolvimento cultural, possibilitando o exercício da capacidade de perceber, conviver e valorizar diferentes códigos culturais. Procura-se distinguir os conceitos de Diversidade Cultural, Multiculturalidade, Interculturalidade e Ecologia Cultural. O papel das Artes para o desenvolvimento cultural é analisado, considerando-se seus efeitos para o desenvolvimento da consciência de cidadania, para a alfabetização visual, para a potencialização da criatividade e para a preparação de um público apreciador de arte. Questões de métodos de ensino da Arte são discutidas distinguindo-se os métodos modernistas e pós-modernistas.

Palavras Chave: Educação e cultura, Multiculturalidade, Interculturalidade, Arte na Educação como cultura e expressão

ABSTRACT - Education and cultural and artistic development. The text affirms the importance of education for cultural development and discusses problems of Cultural Literacy, Cultural identity and Cultural ecology in the context of the Third World and of the european and white north american codes. The text is concerned with conceptual distinctions among Cultural Diversity, Multiculturality, Pluriculturality and Interculturality. The role of the arts for cultural development of citizenship's consciousness, of creativity and of visual literacy are pointed out. Finally questions of methods of Art Teaching are discussed, specially the Modernist and Post Modernist methods.

Key words: Education and Culture, Multiculturality, Interculturality, Art for consciousness of citizenship, Art in Education as culture and expression

Educação para o desenvolvimento de diferentes códigos culturais

A Educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local. Contudo a educação formal no Terceiro Mundo Ocidental foi completamente dominada pelos códigos culturais europeus e, mais recentemente, pelo código cultural norte-americano branco.

A cultura indígena só é tolerada na escola sob a forma de folclore, de curiosidade e exoterismo; sempre como uma cultura de segunda categoria.

Em contraste, foi a própria Europa que, na construção do ideal modernista das artes, chamou a atenção para o alto valor das outras culturas, do leste e do oeste, através da apreciação das gravuras japonesas e das esculturas africanas.

Desta forma, os artistas modernos europeus foram os primeiros a criar uma justificação em favor do multiculturalismo, apesar de analisar a “cultura” dos outros sob seus próprios cânones de valores. Somente no século vinte, os movimentos de descolonização, e de liberação criaram a possibilidade política para que os povos que tinham sido dominados reconhecessem sua própria cultura e seus próprios valores.

Leitura cultural, identidade cultural, ecologia cultural

A busca de identidade cultural passou a ser um dos objetivos dos países recém “independentes”, cuja cultura tinha sido, até então, institucionalmente definida pelos poderes centrais metropolitanos e cuja história foi escrita pelos colonizadores. Contudo, a identidade cultural não é uma forma fixa ou congelada mas um processo dinâmico, enriquecido através do diálogo e trocas com outras culturas. Neste sentido, a identidade cultural também é um problema para o mundo desenvolvido.

Apesar disso, a preocupação com o estímulo cultural através da educação tem sofrido uma diferente abordagem nos mundos industrializados e em vias de desenvolvimento, revelando diversos significados através de diferenças semânticas. Enquanto, no terceiro mundo, falamos sobre necessidade de busca pela identidade cultural, os países industrializados falam sobre a leitura cultural e ecológica cultural. Assim, no mundo industrializado a questão cultural é centrada no fornecimento de informações globais e superficiais sobre diferentes campos de conhecimento (cultural literacy) e na atenção equilibrada às diversas culturas de cada país (ecologia cultural). No terceiro mundo, no entanto, a identidade cultural é o interesse central e significa a necessidade de ser capaz de reconhecer a si próprio, ou, finalmente, uma necessidade básica de sobrevivência e de construção de sua própria realidade.

Os três termos aos quais nos referimos acima convergem em um ponto comum: a noção de diversidade cultural. Sem a flexibilidade de encarar a diversidade cultural existente em qualquer país, é possível tanto uma identificação cultural, como uma leitura cultural global ou ainda uma cultura ecológica.

Diversidade Cultural: Multiculturalismo, Pluriculturalidade e Interculturalidade

Aqui, para definir diversidade cultural, nós temos que navegar novamente através de uma complexa rede de termos. Alguns falam sobre multiculturalismo, outros sobre pluriculturalidade, e temos ainda o termo mais apropriado — Interculturalidade. Enquanto os termos “Multicultural” e “Pluricultural” significam a coexistência e mútuo entendimento de diferentes culturas na mesma sociedade, o termo “Intercultural” significa a interação entre as diferentes culturas.

Isto deveria ser o objetivo da educação interessada no desenvolvimento cultural.

Para alcançar tal objetivo, é necessário que a educação forneça um conhecimento sobre a cultura local, a cultura de vários grupos que caracterizam a nação e a cultura de outras nações.

Interculturalidade: alta e baixa cultura

No que diz respeito à cultura local, pode-se constatar que apenas o nível erudito desta cultura é admitido na escola. As culturas das classes sociais baixas continuam a ser ignoradas pelas instituições educacionais, mesmo pelos que estão envolvidos na educação destas classes. Nós aprendemos com Paulo Freire a rejeitar a segregação cultural na educação. As décadas de luta para salvar os oprimidos da ignorância sobre eles próprios nos ensinaram que uma educação libertária terá sucesso só quando os participantes no processo educacional forem capazes de identificar seu ego cultural e se orgulharem dele. Isto não significa a defesa de guetos culturais, nem excluir a cultura erudita das classes baixas. Todas as classes sociais têm o direito de acesso aos códigos da cultura erudita porque esses são os códigos dominantes — os códigos do poder. É necessário conhecê-los, ser versados neles, mas tais códigos continuarão a ser um conhecimento exterior a não ser que o indivíduo tenha dominado as referências culturais da sua própria classe social, a porta de entrada para a assimilação do “outro”. A mobilidade social depende da inter-relação entre os códigos culturais das diferentes classes sociais.

Interculturalidade: a cultura do colonizador e do oprimido

A diversidade cultural presume o reconhecimento dos diferentes códigos, classes sociais, grupos étnicos, crenças e sexos na nação, assim como o diálogo com os diversos códigos culturais das várias nações ou países que incluem até mesmo a cultura dos primeiros colonizadores. Os movimentos nacionalistas radicais que pretenderam o fortalecimento da identidade cultural de um país em isolamento, ignoram o fato de que o seu passado já havia sido contaminado pelo contato com outras culturas e que sua história já estava interpenetrada pela história dos colonizadores. Por outro lado colonizadores não podem esquecer que, historicamente eles foram obrigados a incorporar os conceitos culturais que o oprimido produziu sobre eles.

Interculturalidade e cultura do Outro

A demanda para identificação — “isto é ser para um OUTRO” — assegura a representação do sujeito, diferenciado do “outro” em ALTERIDADE¹. “Identidade é ser para si mesmo e para o OUTRO; conseqüentemente, a identidade é encontrada entre nossas diferenças”².

A função das artes na formação da imagem da identidade lhe confere um papel característico dentre os complexos aspectos da cultura.

Identificação é sempre a produção de “uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir ou rejeitar aquela imagem reconhecida pelo outro”³.

O papel da arte no desenvolvimento cultural

Através das artes temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou o grupo social, seu modo de vida, seu sistema de valores, suas tradições e crenças. A arte, como uma linguagem presentacional dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como as linguagens discursiva e científica.

Não podemos entender a cultura de um país sem conhecer sua arte. Sem conhecer as artes de uma sociedade, só podemos ter conhecimento parcial de sua cultura.

Aqueles que estão engajados na tarefa vital de fundar a identificação cultural não podem alcançar um resultado significativo sem o conhecimento das artes. Através da poesia, dos gestos, da imagem as artes falam aquilo que a história, a sociologia, a antropologia, etc, não podem dizer porque elas usam

um outro tipo de linguagem, a discursiva e a científica, que sozinhas não são capazes de decodificar nuances culturais.

Dentre as artes, a arte visual, tendo a imagem como matéria prima, torna possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos.

A arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento. Através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. “Relembrando Fanon”, eu diria que a arte capacita um homem ou uma mulher a não ser um estrangeiro em seu meio ambiente nem estrangeiro no seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence.

Arte-Educação e a consciência de cidadania

Contudo, não é só incluindo arte no *currículum* que a mágica de favorecer o crescimento individual e o comportamento de cidadão como construtor de sua própria nação acontece.

Além de reservar um lugar para a arte no *currículum*, o que está longe de ser realizado pelos estados membros da UNESCO, é também necessário se preocupar como a arte é concebida e ensinada.

Em minha experiência, tenho visto as artes visuais sendo ensinadas principalmente como desenho geométrico, ainda seguindo a tradição positivista, ou a arte nas escolas sendo utilizada na comemoração de festas, na produção de presentes estereotipados para os dias das mães ou dos pais e na melhor das hipóteses, apenas como livre expressão.

A falta de treinamento de pessoal para ensinar as artes é um problema crucial nos levando a confundir improvisação com criatividade. A anemia teórica domina a arte-educação que está fracassando na sua missão de favorecer o conhecimento *na* e *sobre* artes visuais organizado de forma a relacionar produção artística com apreciação estética e informação histórica. Esta integração corresponde à epistemologia da arte.

O conhecimento das artes tem lugar na intersecção da experimentação, decodificação e informação. Nas artes visuais, estar apto a produzir uma imagem e ser capaz de ler uma imagem são duas habilidades interrelacionadas.

Leitura Visual

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia,

vendendo produtos, idéias, conceitos, comportamentos, slogans políticos, etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual.

Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo o tipo de imagem, conscientizando-as do que estão aprendendo com estas imagens.

Um *currículo* que integrava atividades artísticas, histórias da arte e análise dos trabalhos artísticos levaria à satisfação das necessidades, interesses e ao crescimento das crianças, respeitando ao mesmo tempo os conceitos da disciplina a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua específica contribuição à cultura. Dessa forma, realizaríamos um equilíbrio entre duas teorias curriculares dominantes: aquela centrada na criança e a centrada na disciplina (matéria).

Este equilíbrio curricular começou a ser defendida no Reino Unido pelo “Basic Design Movement” durante os anos 50, quando Harry Thubron, Victor Pasmore, Richard Hamilton, Richard Smith, Joe Tilson e Eduardo Paolzzi desenvolveram sua arte de ensinar a arte. Eles associaram atividades artísticas com o ensino dos princípios do *design* e informação científica sobre o ver, tudo isso com ajuda da tecnologia.

Seus alunos estudaram gramática visual, sua sintaxe e seu vocabulário, dominando elementos formais tais como: ponto, linha, espaço positivo e negativo, divisão de áreas, cor, percepção e ilusão, signos e simulação, transformação e projeção nas imagens produzidas pelos artistas e também pelos meios de comunicação e publicidade. Eles foram acusados de racionalismo mas hoje, após quase setenta anos de arte-educação expressionista nas escolas do mundo industrializado, chegamos à conclusão que a livre expressão não é uma preparação suficiente para o entendimento da arte.

Apreciação da arte e desenvolvimento da criatividade

Apreciar, educar os sentidos e avaliar a qualidade das imagens produzidas pelos artistas é um complexo necessário à livre expressão, de maneira a possibilitar o desenvolvimento contínuo daqueles que, depois de deixar a escola, não se tornarão produtores de arte. Através da apreciação e decodificação de trabalhos artísticos, desenvolvemos fluência, flexibilidade, elaboração e originalidade — os processos básicos da criatividade. Além disso, a educação da apreciação é fundamental para o desenvolvimento cultural de um país. Este desenvolvimento só acontece quando uma produção artística de alta qualidade é associada a um alto grau de entendimento desta produção pelo público.

Arte-Educação preparando o público para a Arte

Uma das funções da arte-educação é fazer a mediação entre a arte e o público. Museu e centros culturais deveriam ser os líderes na preparação do público para o entendimento do trabalho artístico.

Entretanto, poucos museus e centros culturais fazem esforço para facilitar a apreciação da arte. As visitas guiadas são tão entediantes que a viagem de ida e volta ao museu é de longe mais significativa para a criança. Mas é importante enfatizar que os museus e centros culturais são uma contribuição insubstituível para amenizar o sentimento de inacessibilidade do trabalho artístico e de ignorância do visitante.

Aqueles que não têm educação escolar têm medo de entrar no museu. Eles não se sentem suficientes conhecedores para penetrar nos “templos da cultura”.

É hora dos museus abandonarem seu comportamento sacralizado e assumirem sua parceria com escolas porque somente as escolas podem dar aos alunos de classes baixas a ocasião e auto-segurança para entrar em um museu.

Os museus são lugares para a educação concreta sobre a herança cultural que deveria pertencer a todos, não somente a uma classe econômica e social privilegiada. Os museus são lugares ideais para o contato com padrões de avaliação da arte através da sua história, que prepara um consumidor de arte crítico não só para a arte de ontem e de hoje, mas também para as manifestações artísticas do futuro.

O conhecimento da relatividade dos padrões da avaliação através dos tempos torna o indivíduo flexível para criar padrões apropriados para o julgamento daquilo que ele ainda não conhece.

Tal educação, capaz de desenvolver a auto-expressão, apreciação, decodificação e avaliação dos trabalhos artísticos produzidos por outros, associados à contextualização histórica, é necessária não só para o crescimento individual e enriquecimento da nação, mas também é um instrumento importante para a profissionalização.

Arte para o desenvolvimento profissional

Um grande número de trabalhos e profissões estão direta ou indiretamente relacionados à arte comercial e propaganda, *out-doors*, cinema, vídeo, a publicação de livros e revistas, a produção de discos, fitas e Cds, som e cenários para a televisão, e todos esses campos do *design* para a moda e indústria têxtil, *design* gráfico, decoração, etc. Não posso conceber um bom *designer* gráfico que não possua algumas informações de História da Arte, como, por exemplo, o conhecimento sobre a Bauhaus.

Não só os *designer* gráficos mas muitos outros profissionais similares po-

deriam ser mais eficientes se conhecessem, fizessem arte e tivessem desenvolvido habilidades analíticas através da interpenetração dos trabalhos artísticos em seu contexto histórico. Tomei conhecimento de uma pesquisa que constatou que os *camarajmen*, da televisão são mais eficientes quando têm algum contato sistemático com apreciação da arte. A interpenetração de obras de arte e a informação histórica são inseparáveis; sendo uma a abordagem diacrônica horizontal do objeto e o outro a sua projeção sincrônica vertical. A intersecção dessas duas linhas de investigação produzirá um entendimento crítico de como os conceitos formais, visuais e sociais aparecem na arte, como eles têm sido percebidos, redefinidos, redesignados, distorcidos, descartados, reapropriados, reformulados, justificados e criticados em seus processos construtivos. Essa abordagem de ensino ilumina a prática da arte, mesmo quando esta prática é meramente catártica:

Arte para o desenvolvimento emocional e reflexivo

Aqueles que defendem a arte na escola meramente para libertar a emoção devem lembrar que podemos aprender muito pouco sobre nossas emoções se não formos capazes de refletir sobre elas. Na educação, o subjetivo, a vida interior e a vida emocional devem progredir, mas não ao acaso. Se a arte não é tratada como um conhecimento, mas somente como um “grito da alma”, não estamos oferecendo nem educação cognitiva, nem educação emocional. Wordsworth disse: “A arte tem que ver com emoção, mas tão profundamente para nos reduzirmos a lágrimas”.

Síntese:

É impossível conduzir educação emocional e intelectual, formal ou informal, para a elite ou para o povo, sem arte, porque é impossível desenvolver a mente sem desenvolver os modos divergentes do pensamento visual e o conhecimento presentacional. Somente o ensino-aprendizagem das Artes mobiliza o pensamento visual e presentacional (expressão de Suzanne Langer) garantindo alta qualidade à experiência.

Notas

1. Homi, R. Bhaba “Remembering Fanon: Self, psycle and colonial condition” In: Barbara Kruger and Phil Mariani (ed) Remaking History N.Y : Dia Foundation, 1989, p.139.
- 2 . ibid
3. ibid

Este texto foi produzido por encomenda do Bureau Internacional de Educação da UNESCO, para embasar a discussão do Congresso Internacional de Educação, em Genebra, em 1992, que abordou o tema Educação e Cultura.

Ana Mae T. B. Barbosa é professora da Escola de Comunicações e Arte da USP.

Endereço para correspondência:
Rua Monte Alegre, 1003/41
05.014-001 São Paulo - SP - Brasil